

*As metodologias no processo de  
Ensino do Português e do Latim –  
Ponto de Partida Para Uma Reflexão*

Lisete Marques Silva

---

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
Do Mestrado em Ensino do Português e das Línguas  
Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino  
Secundário

Março, 2012

*As metodologias no processo de  
Ensino do Português e do Latim –  
Ponto de Partida Para Uma Reflexão*

Lisete Marques Silva

---

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
Do Mestrado em Ensino do Português e das Línguas  
Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino  
Secundário

Março, 2012

Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Relatório realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Leonor Santa Bárbara, Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Professor Doutor João Costa, Professor Auxiliar do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

**Aos meus pais...**

## **AGRADECIMENTOS**

Concluída esta etapa tão importante da minha formação, gostaria de começar por expressar o meu agradecimento ao meu orientador do estágio de Latim, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professor Doutor André Simões, e à minha orientadora do estágio de Português, da Escola Secundária Padre Alberto Neto, Professora Isabel Leal, cuja sabedoria e experiência transmitida contribuíram imenso para a minha aprendizagem e tornaram o meu estágio tão enriquecedor. Aos meus alunos do estágio por toda a educação e respeito que sempre evidenciaram, não só nas aulas mas sempre que me encontravam.

Estou igualmente grata aos meus orientadores de relatório, Professora Doutora Leonor Santa Bárbara e Professor Doutor João Costa, os quais me transmitiram aspectos importantes na área das metodologias de ensino e também por toda a dedicação, confiança e disponibilidade sempre demonstrada.

Os meus agradecimentos estendem-se também aos orientadores da Prática de Ensino Supervisionada, Professor Doutor Manuel Rodrigues e Professora Doutora Graciete Silva, por todo o acompanhamento realizado ao longo dos últimos dois anos.

Deixo uma palavra de agradecimento muito especial aos meus pais, Ana e João, e ao meu irmão Paulo por todo o incentivo e apoio incondicional, e ao meu namorado Revelino Lopes por toda a compreensão. Às minhas amigas de Faculdade, nomeadamente Patrícia Barradas, Etienne Machado, Cátia Barroso, Cátia Ramalhinho e, sobretudo, à Sara Costa não só pelo apoio em todas as horas mas também pela partilha de experiências que se tornou tão rica.

Por último, expresso o meu muito obrigado à direcção da Escola Secundária Padre Alberto Neto, pela permissão da realização do estágio naquela instituição e pela forma acolhedora com que me receberam.

## **RESUMO**

## **ABSTRACT**

**AS METODOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO DO PORTUGUÊS E DO LATIM – PONTO DE PARTIDA PARA UMA REFLEXÃO**

**METHODOLOGIES IN THE PROCESS OF TEACHING PORTUGUESE AND LATIN - STARTING POINT FOR REFLECTION**

**LISETE MARQUES SILVA**

**PALAVRAS – CHAVE:** metodologias, criatividade, motivação, observação, reflexão.

**KEYWORDS:** methodologies, creativity, motivation, classroom observation, reflection.

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) na Escola Secundária Padre Alberto Neto e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ao longo do ano lectivo 2010/2011. A descrição e respectiva reflexão crítica centrar-se-ão na observação de aulas e na prática lectiva referente ao 10.º e 12.º ano, na disciplina de Português, e ao Ensino Superior, na disciplina de Latim.

O tema abordado – Metodologias no Ensino do Português e do Latim – constitui um ponto de partida para essa reflexão.

This report refers to my MA in Teaching at the Secondary School Padre Alberto Neto and at the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, during the academic year 2010/2011. The description and critical reflection that necessarily follows will be focused on my observations of the work conducted by the teacher in the classroom. It will also draw on my own practice of teaching Portuguese to 10th and 12th grade students, and Latin to University students.

The theme discussed - Methodologies in Portuguese and Latin Teaching - will be the starting point for this reflection.

# Índice

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I - As Escolas cooperantes .....</b>	<b>11</b>
I.1. A Escola Secundária Padre Alberto Neto – Primeiro Contacto .....	11
I.1.1. A História por trás da Escola.....	12
I.1.2. O Espaço Físico .....	13
I.1.3. Os docentes, os discentes, restante comunidade escolar .....	14
I.2. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.....	15
I.2. 1. Caracterização da FCSH .....	16
I.2. 2. Os Departamentos.....	16
<b>Capítulo II: Prática de Ensino Supervisionada – Português .....</b>	<b>18</b>
II. 1. As reuniões .....	18
II. 2. Caracterização das turmas .....	20
II. 2.1. A turma do 10.º H.....	20
II. 2.2. A turma do 10.º D.....	21
II. 2.3. A turma do 12.º C .....	21
II. 2.4. A turma do 12.º H.....	22
II.3. Observação de aulas .....	23
II.3.1. As aulas da Professora Isabel Leal.....	23
II.3.2. As aulas da Sara Costa .....	24
II. 4. Aulas leccionadas .....	25
II. 4.1. A Unidade Didáctica: <i>Poetas do Século XX</i> .....	26
II.4.2. A Unidade Didáctica: <i>Contos de Autores do Século XX</i> .....	29
II.4.3. A Unidade Didáctica: <i>Memorial do Convento</i> .....	32
II.4.4. A elaboração do teste de avaliação.....	33
II.5. As observações da Professora Isabel Leal/Reflexão.....	34
II.6. Visitas de Estudo .....	35
II.7. Actividades .....	35
II.7.1. Actividade de fim de ano lectivo: Recital de Poesia .....	35
II. 7.2. Workshop com o 12.º C.....	37

<b>Capítulo III: Prática de Ensino Supervisionada – Latim.....</b>	<b>38</b>
III. 1. O Estágio em Latim – Primeiro Contacto .....	38
III. 1.1. As reuniões .....	38
III. 1.2. Caracterização das turmas .....	39
III.1.2.1. As turmas de Latim I e II. ....	39
III.2. Observação de aulas .....	40
III.2.1. As aulas do Professor André Simões .....	40
III.2.2. As aulas da Cátia Barroso .....	40
III.3. Aulas leccionadas .....	41
III.3.1. Bloco sobre o Imperfeito do Conjuntivo da Voz Activa.....	41
III.4. O teste de avaliação .....	42
<b>Capítulo IV: As Metodologias no Processo de Ensino do Português e do Latim.....</b>	<b>43</b>
IV. 1. O papel das metodologias na sala de aula .....	43
IV. 1.1. A transmissão de conhecimento.....	44
IV. 2. A criatividade e a motivação .....	48
IV. 3. As dificuldades (o insucesso).....	52
<b>Capítulo V: Reflexão final sobre o papel das metodologias no Ensino.....</b>	<b>54</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>56</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>57</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>60</b>



# INTRODUÇÃO

“A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE DO QUE O CONHECIMENTO.  
ENQUANTO O CONHECIMENTO DEFINE TUDO O QUE ACTUALMENTE  
CONHECEMOS E ENTENDEMOS, A IMAGINAÇÃO APONTA PARA TUDO O QUE  
AINDA PODEREMOS DESCOBRIR E CRIAR.”

---

“IMAGINATION IS MORE IMPORTANT THAN KNOWLEDGE. FOR  
WHILE KNOWLEDGE DEFINES ALL WE CURRENTLY KNOW AND UNDERSTAND,  
IMAGINATION POINTS TO ALL WE MIGHT YET DISCOVER AND CREATE.”

ALBERT EINSTEIN

O presente relatório tem como finalidade descrever a minha experiência pedagógica no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada<sup>1</sup> em Ensino do Português e do Latim, na Escola Secundária Padre Alberto Neto e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, respectivamente, no decorrer do ano lectivo 2010/2011.

No que diz respeito ao tema - *As metodologias no processo de ensino do Português e do Latim* – pretendo fazer uma reflexão crítica baseada na minha observação/leccionação de aulas, descrevendo as actividades postas em prática que me pareceram mais relevantes e significativas, tendo em conta o referido tema. A escolha desta temática deveu-se não só à necessidade que senti em aprofundar os meus conhecimentos nesta área, mas também à convicção de que deve-se, cada vez mais, reflectir sobre os métodos e recursos usados na sala de aula. Como consta no Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de Fevereiro, do Ministério da Educação, os docentes devem dar:

*... especial ênfase à área das metodologias de investigação educacional, tendo em conta a necessidade que o desempenho dos educadores e professores seja cada vez menos o de um mero funcionário ou técnico e cada vez mais o de um profissional capaz de se adaptar às*

---

<sup>1</sup> Doravante utilizarei a sigla PES para me referir à Prática de Ensino Supervisionada.

*características e desafios das situações singulares em função das especificidades dos alunos e dos contextos escolares e sociais (...).*<sup>2</sup>

Contudo, uma vez que este tema é muito abrangente, parece-me fundamental abordar, de uma perspectiva pessoal, o que diz respeito à necessidade de diversificar os métodos de trabalho, tendo em conta a diversidade de perfis dos alunos presentes na sala de aula. Não posso, também, deixar de focar a minha reflexão na questão da indisciplina na sala de aula e a sua ligação com as metodologias. Abordarei ainda a criatividade e a motivação, pois embora estas não possam ser consideradas metodologias, fazem parte de um conjunto de estratégias que podem ser usadas de forma eficaz no ensino.

---

<sup>2</sup>Disponível em URL:

<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Geral/MenuTopo/Legislacao/Forma%C3%A7%C3%A3o+em+%C3%81reas+Espec%C3%ADficas.htm> - Julho 2011.

## Capítulo I - As Escolas cooperantes

### *I.1. A Escola Secundária Padre Alberto Neto – Primeiro Contacto*

No fim do mês de Junho, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Graciete Silva deu-nos uma ideia das escolas disponíveis para receber as estagiárias de Português, no ano lectivo 2010/2011. Algumas eram desconhecidas para nós mas de quase todas tínhamos um *feedback* positivo. Tendo em conta a proximidade da zona de residência de cada uma, foi fácil chegarmos a uma distribuição consensual. No dia 30 de Julho houve a confirmação oficial: o meu estágio de Português (P.E.S.) seria realizado na Escola Secundária Padre Alberto Neto, em Queluz (Sintra), sob a orientação da professora Isabel Leal.

O primeiro contacto com a escola aconteceu logo no início de Agosto. Embora a professora Isabel Leal já se encontrasse de férias, propôs um encontro, não só para ambas conhecermos pessoalmente quem estava por trás dos *e-mails* trocados, mas também com a finalidade de conhecermos a escola. A altura era, de facto, ideal pois as aulas ainda estavam longe de começar e, portanto, o ambiente era de serenidade.

A ansiedade era muita, diria até indisfarçável, no entanto, assim que eu e a colega de estágio, Sara Costa, trocámos as primeiras palavras com a nossa futura orientadora, percebemos que não havia razão para tal. A professora mostrou-se imensamente acessível, o que me deixou bastante à vontade. Muito segura de si, podia perceber-se uma enorme paixão pela docência, o que me fez sentir que seria, com certeza, um ano muito interessante, de muitas aprendizagens. Estava, finalmente, a poucas semanas de contactar de perto com uma vontade muito antiga: leccionar.

### **I.1.1. A História por trás da Escola**

A ESPAN<sup>3</sup> encontra-se situada em Queluz. Recentemente elevada a primeira cidade do Concelho de Sintra, Queluz é uma das mais populosas de Portugal. No que diz respeito às habilitações literárias da população, segundo os censos de 2001<sup>4</sup>, a taxa mais alta dizia respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, isto é, cerca de 28% da população tem apenas o 1.º Ciclo do Ensino Básico concluído, seguido imediatamente da taxa respeitante ao Ensino Secundário, cerca de 24%. Embora não haja dados relativos à população imigrante, é notória a presença de uma grande concentração de imigrantes oriundos não só dos Palop como também de outros países africanos e do Brasil, que resultam num enorme multiculturalismo bastante visível na escola.

A história da ESPAN remonta a 1965, quando ainda era uma secção do Liceu Passos Manuel. Posteriormente, adquiriu a designação de Liceu Nacional de Queluz, que se manteve até à data do 25 de Abril de 1974. Após a queda do regime, a designação passou de Liceu para Escola Secundária de Queluz e assim permaneceu durante quase 20 anos, até que, na década de 90, em homenagem ao educador que durante vários anos leccionou naquela instituição, obteve a denominação que tem hoje: Escola Secundária Padre Alberto Neto.

Padre Alberto Neto acumulou funções de assistente diocesano com professor em vários liceus de Lisboa, até que iniciou funções na Escola Secundária de Queluz. Distinguiu-se pela oposição ao regime de Salazar, assim como pela força e dedicação na educação de jovens e terá sido essa a razão que originou a homenagem como patrono da escola. A sua morte no fim da década de 80, envolta em mistério, ditou o fim de uma longa e profícua carreira.

Hoje em dia, a escola conta com cerca de 2.200 alunos, 192 professores e há ainda que referir os 44 funcionários (na sua grande maioria do sexo feminino) que compõem a comunidade escolar<sup>5</sup>. O facto de a zona ser servida por uma linha

---

<sup>3</sup> Utilizarei doravante a sigla ESPAN para me referir à Escola Secundária Padre Alberto Neto.

<sup>4</sup> Informação retirada do site oficial da Junta de Freguesia de Queluz: <http://jf-queluz.pt/documentos/censos2001.pdf>, no dia 29 de Junho 2011.

<sup>5</sup> Dados retirados da página da ESPAN [http://www.espan.edu.pt/caract\\_historia.htm](http://www.espan.edu.pt/caract_historia.htm) dia 30 de Junho de 2011.

ferroviária (linha de Sintra) facilita em muito o acesso à escola. Assim, os alunos vêm não só de Queluz como de Belas, Monte Abraão e Massamá.

### **I.1.2. O Espaço Físico**

No que diz respeito ao espaço físico, este sofreu consideráveis alterações de requalificação durante as férias lectivas, em 2009. Decidiu-se que estava na altura de melhorar as infra-estruturas e o resultado foi, a meu ver, bastante positivo. A minha noção da escola “antiga” deve-se apenas a fotografias que constam no *site* da escola. No entanto, percebe-se que os novos pavilhões vieram em tudo beneficiar todos os usuários desta.

Actualmente, a ESPAN é constituída por 7 pavilhões que, no seu conjunto, reúnem cerca de 40 salas de aula, não só de natureza geral como também salas de informática e laboratórios de Física, Química, Biologia e Geologia. Embora a escola reúna alguns espaços verdes, no Inverno torna-se quase impossível desfrutar deles, logo, a sala de convívio torna-se o local de vivência escolar. Trata-se de uma área alargada situada logo à entrada da escola, onde os alunos se reúnem nos intervalos e, muitas vezes, fazem os seus trabalhos de grupo. A par disto, o pavilhão acolhe também a cantina, as salas da administração e gestão, e o conselho executivo, onde se situa o gabinete do Director, o Professor José Brazão, figura muito respeitada por todos. A escola possui ainda um auditório com capacidade para 200 pessoas, um gimnodesportivo com um campo de jogos ao ar livre, um bar e uma pequena papelaria. O bar e a reprografia são frequentados tanto por alunos como por professores. O facto de o bar ter apenas uma funcionária a atender, e reunir professores e alunos no mesmo espaço, dificultava muito o atendimento nos intervalos. Os corredores são suficientemente largos para acolher áreas de exposição de trabalhos de alunos e *posters* informativos acerca das actividades decorrentes. A ESPAN dispõe ainda de uma Biblioteca frequentada por toda a comunidade educativa. Trata-se de um espaço bastante amplo que reúne cerca de 10.300 documentos, entre livros, jornais informativos diários e publicações periódicas, não esquecendo a Mediateca com cerca de 500 documentos em CD-ROM e DVD (cf. Anexo I).

### **I.1.3. Os docentes, os discentes, restante comunidade escolar**

Na ESPAN, os cerca de 2.200 alunos podem frequentar desde o 7.º ao 12.º ano. No regime diurno são repartidos por turnos da manhã e da tarde, e dispõem de Cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Artes Visuais, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades), e de Cursos Profissionais (Técnico de Gestão, Técnico de Design e Técnico de Informática de Gestão). Já no regime nocturno, os alunos têm à sua disposição formações de curta duração para conclusão do ensino secundário e cursos EFA (Educação e Formação de Adultos).

A par das disciplinas curriculares, a escola tem vindo a oferecer aos alunos vários projectos e actividades a fim não só de complementar a sua formação como também para promover a integração e a autonomia dos estudantes. De entre eles, destaco: concursos literários, actividades desportivas internas, educação para a saúde, o espaço adolescer, olimpíadas da física e das línguas estrangeiras. Há ainda outros serviços orientados para os alunos, como o Serviço de Psicologia, que contribui para o desenvolvimento dos alunos, prestando apoio de natureza psicológica e psicopedagógica, e o GAIA (Gabinete de Apoio e Integração de Alunos), que visa estabelecer uma mediação em situações problemáticas, promovendo estratégias com a finalidade de superar dificuldades.

Do corpo docente fazem parte 192 professores, na sua maioria na qualidade de efectivos. Em algumas conversas paralelas, pude perceber a dedicação e dinamismo por parte destes em relação a processos e actividades que estavam a desenvolver com os alunos. Na sala dos professores é visível o bom ambiente que se vive. Senti-me bem recebida desde a primeira semana. Muitas vezes, alguns professores dirigiam-se a nós, provavelmente adivinhando a nossa qualidade de estagiárias, questionando-nos sobre o decorrer do estágio e acerca das nossas expectativas futuras. No entanto, os laços tornavam-se mais estreitos, sem dúvida, durante as visitas de estudo. O ambiente fora do espaço escolar assim o proporcionava.

Quanto ao pessoal não docente, a ESPAN conta com 44 funcionários, de entre auxiliares de acção educativa, assistentes técnicos e operacionais, que proporcionam o bom funcionamento das regras. Destaco o papel importante que alguns elementos têm

no processo educativo, nomeadamente os assistentes da biblioteca, da mediateca e da sala de estudo. De salientar apenas a escassez de funcionários em algumas divisões, como é o caso do bar, que conta só com uma funcionária na caixa e outra no atendimento, e da reprografia, que conta apenas com os serviços da D. Otília, uma ajuda indispensável.

Por último, devo mencionar que a ESPAN conta com uma Associação de Pais e Encarregados de Educação que faz a ponte entre os educandos e os docentes, mais precisamente directores de turma. No entanto, vou abster-me de aprofundar esta questão pois uma vez que não acompanhei uma direcção de turma, correria o risco de incorrer em imprecisões.

## ***1.2. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas***

Em meados de Agosto, era quase certo que muito dificilmente se realizaria o estágio de Latim, pelo menos nos mesmos moldes em que decorreria o de Português. Isto porque estava a ser extremamente difícil encontrar uma escola na zona de Lisboa que abrisse uma turma de Latim. Aliás, havia uma escola, mas esta já tinha protocolo com outra faculdade. Contudo, o Professor Manuel Rodrigues, responsável pela coordenação da PES de Latim, assegurou-nos que se encontraria uma solução para que a nossa prática ficasse completa e assim foi. No ano lectivo 2010/2011, o estágio de Latim realizar-se-ia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Embora o local já não fosse para mim desconhecido (como aconteceu com a escola que acolheu o estágio de Português), confesso que fiquei um pouco apreensiva em relação à forma como os alunos receberiam as estagiárias.

Ficou ao critério das estagiárias dividirem-se pela turma da manhã ou pela da noite (pós-laboral). Uma vez que eu trabalhava de manhã, fiquei com a turma da noite, juntamente com a colega Cátia Barroso, sob a orientação do Professor Doutor André Simões.

Depois de algumas reuniões, começámos a assistir às aulas no fim de Novembro.

## **I.2. 1. Caracterização da FCSH**

Criada em 1977, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas situa-se no centro da cidade de Lisboa, mais precisamente na zona do Campo Pequeno e faz parte da Universidade Nova de Lisboa. Conforme consta na página oficial da Faculdade<sup>6</sup>, esta oferece 14 licenciaturas, 38 mestrados e 17 doutoramentos, todos já adaptados segundo o modelo de Bolonha. De referir ainda os diversos projectos e unidades de investigação, os cursos de verão e os cursos de línguas do ILNOVA. Através das bolsas ERASMUS, a FCSH permite a mobilidade dos estudantes, enviando cerca de 200 alunos e recebendo cerca de 300, anualmente, promovendo assim uma formação científica sólida e internacional. Este facto posiciona a faculdade no 60.º lugar, num estudo que abrangeu 4.000 faculdades. A par do programa ERASMUS, a FCSH tem também à disposição do aluno o GIPAA (Gabinete de Integração Profissional e de Antigos Alunos), que apoia a inserção profissional para os recém-diplomados visando uma entrada no mercado de trabalho.

O desenvolvimento de competências, a diversidade de saberes e a ligação entre a investigação e o ensino, são algumas das linhas que fazem parte da filosofia de ensino desta faculdade.

## **I.2. 2. Os Departamentos**

A FCSH é constituída por dois blocos, onde se encontram alguns departamentos, salas de aulas, e um gabinete de informática, e por duas torres (Torre A e Torre B), onde se pode encontrar salas de aula, salas de estudo, a biblioteca, o refeitório, o bar, uma garagem subterrânea, a reprografia, a Associação de Estudantes, os Serviços académicos e vários órgãos de gestão.

Actualmente a FCSH conta com 13 Departamentos distintos. São eles: Antropologia; Ciências da Educação; Ciências da Comunicação; Ciências Musicais;

---

<sup>6</sup> Disponível em URL <http://www.fcsh.unl.pt/faculdade> à data de 01 de Julho 2011.



Estudos Políticos; Filosofia; Geografia e Planeamento Regional; História; História da Arte; Linguística; Sociologia; Línguas, Culturas e Literaturas Modernas; Estudos Portugueses. Debruçar-me-ei sobre este último, pois é nele que se integra o mestrado e respectivo estágio que aqui trato.

Existente desde a fundação da FCSH, o Departamento de Estudos Portugueses, situa-se no Bloco 1 e tem como coordenador executivo o Professor Doutor Abel Barros Baptista. Tem uma oferta lectiva que abarca os três ciclos de estudos: licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

O mestrado em Ensino do Português e das Línguas Clássicas está inserido neste departamento e é coordenado pela Professora Doutora Maria Graciete Gomes da Silva. Tem como principal objectivo formar docentes competentes para a docência. Assim, visa um ensino baseado no aperfeiçoamento de competências adequadas e na transmissão de conhecimentos promovendo uma reflexão crítica acerca da diversidade linguística e das didácticas ligadas à problemática da Língua Portuguesa.

## Capítulo II: Prática de Ensino Supervisionada – Português

### II. 1. As reuniões

As reuniões entre professores são, do meu ponto de vista, *conditio sine qua non*, pois proporcionam a cooperação entre estes, o que resultará, com certeza, num bom desenvolvimento do trabalho na sala de aula. A discussão de problemas e identificação de soluções através de estratégias eficazes devem fazer parte destes momentos de encontro entre docentes, como refere Maria Costa “... o professor não existe mais exclusivamente em função da sua sala de aula e das turmas que lhe estão atribuídas. Tem de formar equipa com os colegas de trabalho ao nível da tomada de decisões, do planeamento do seu trabalho.” (COSTA, 2004: 59).

No presente ano lectivo tive a oportunidade de assistir a várias reuniões.

Depois de um primeiro encontro em Agosto com o objectivo de conhecer a minha orientadora, a primeira reunião ficou agendada para o dia 7 de Setembro, antes do início do ano lectivo. Foi-nos apresentado com mais precisão o conteúdo do programa de Português, assim como algumas planificações anuais e a médio prazo do ano transacto, para exemplificar. A professora Isabel Leal referiu a importância de assistir às diversas reuniões de grupo e de turma, ao longo do ano. Por fim, fiquei ainda a par do regulamento interno da escola através de documentos fornecidos.

Juntamente com a colega Sara Costa, ainda no dia 7 de Setembro, marquei presença na reunião de boas vindas aos novos docentes da ESPAN. Ainda que timidamente, travámos ali os primeiros conhecimentos com os que viriam a ser os nossos futuros colegas.

A segunda reunião decorreu no dia 8 de Setembro. Da parte da manhã assisti à primeira reunião de Grupo de Português de 10.º ano (a de 12.º ano estava agendada para dia 13), na qual pude observar a realização das planificações anuais e a médio prazo, elaboradas em conjunto pelos professores presentes, segundo o programa do Ministério da Educação.

Da parte da tarde eu e a colega Sara Costa reunimo-nos somente com a professora Isabel Leal, onde ficámos a par do seu horário: um total de 4 turmas - duas de 10.º ano e duas de 12.º ano. À excepção da quinta-feira, os restantes dias da semana estariam preenchidos de tarde. Iríamos leccionar nas quatro turmas, no entanto, a professora Isabel deixou ao nosso critério a escolha das turmas em que queríamos começar. Em consenso com a colega Sara optámos por não as escolher logo no início do ano, sem ter um primeiro contacto com estas. A reunião serviu ainda para discutirmos os manuais dos diferentes anos. No 10.º ano seria usado o manual *Entre Margens*<sup>7</sup> e no 12.º ano o manual *Antologia*<sup>8</sup>, do qual tivemos óptimas referências por parte da nossa orientadora. Fomos também elucidadas acerca da importância de não nos apoiarmos só no manual e construirmos os nossos próprios materiais, e do número de aulas leccionadas e assistidas obrigatoriamente segundo o regulamento da PES.

Por fim, foi determinado que as estagiárias se reuniriam com a orientadora semanalmente, às quartas-feiras, e que a elaboração da respectiva acta ficava a cargo das duas, em semanas intercaladas.

Ao longo do ano lectivo tive ainda a oportunidade de assistir a vários Conselhos de Turma, nos quais ficava a par da evolução dos alunos nas diversas disciplinas. Nestas reuniões eram ainda discutidas estratégias para melhorar o comportamento de alguns alunos e, sempre que necessário, discutido um Programa Educativo Individual assim como um Plano Individual de Trabalho (PIT). Observei com interesse que alguns destes mantinham um bom comportamento na aula de Português mas não o faziam nas outras disciplinas e vice-versa. Para a ocorrência deste facto, a falta de interesse pelo conteúdo do programa de cada disciplina era muito citado, sendo entre outros factores, o de maior relevância. Além da estratégia pessoal de cada professor para obter uma maior atenção por parte do aluno, observei que, vulgarmente, se optava por mudá-lo de carteira, na maior parte das vezes para a primeira fila.

---

<sup>7</sup> Manual adoptado *Entre Margens – Português 10.º ano*, por Olga Magalhães e Fernanda Costa (2010). Porto Editora.

<sup>8</sup> Manual adoptado *Antologia 12.º ano*, Garrido *et al* (2010). Lisboa Editora.

## **II. 2. Caracterização das turmas**

### **II. 2.1. A turma do 10.º H**

O 10.º H é uma turma da área de Línguas e Humanidades composta por 27 alunos, na sua maioria do sexo feminino (18 raparigas e 9 rapazes), com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Quase todos os alunos vivem na zona de Queluz deslocando-se para a escola, na sua maioria, de autocarro.

Através de dados disponibilizados pela Directora de Turma no primeiro Conselho de Turma fiquei a saber que a turma era bastante heterogénea, não só em termos de comportamentos como também em termos de aproveitamento. Posso referir que das quatro turmas que acompanhei era nesta que se notava um maior défice de atenção nas aulas, em muito resultante da faixa etária que atravessavam: fase da adolescência e da construção da personalidade. Fiquei ainda a saber pela professora que se tratava de uma turma em que um pequeno número de alunos pertencia a uma classe económica baixa, com algumas dificuldades, o que ficou evidente ao longo dos meses: alguns alunos estiveram até ao fim do ano lectivo sem manual escolar ou qualquer outro tipo de material de apoio. Usufruíam do material emprestado pelos colegas e das fotocópias que a professora Isabel Leal distribuía para acompanharem a matéria. Era uma turma bastante unida, o que se reflectia, por exemplo, na ajuda constante que prestavam a uma colega com necessidades educativas especiais (NEE), doente oncológica que se fazia transportar numa cadeira de rodas.

Quanto ao rendimento escolar, a média era baixa na disciplina de Português, rondando os 10/11 valores. A falta de hábitos de leitura e de estudo eram notórios, o que se traduzia na dificuldade que apresentavam em estruturar um simples texto. O ponto forte da turma era, sem dúvida, a participação oral nas aulas. Ainda assim, houve uma certa evolução nos resultados gerais e somente dois alunos não transitaram de ano.

Quanto à relação pedagógica, esta foi a turma onde senti mais dificuldades em leccionar, pelas questões de comportamento que referi anteriormente, mas foi ao mesmo tempo a turma que me fez crescer mais enquanto professora. Abordarei de forma mais detalhada este aspecto no espaço dedicado à Unidade Didáctica sobre Luís de Camões Lírico.

## **II. 2.2. A turma do 10.º D**

A turma do 10.º D pertence ao Curso de Ciências e Tecnologias. É constituída por 28 alunos e equilibrada em termos de género: 14 rapazes e 14 raparigas. As idades vão desde os 14 aos 18 anos, no entanto, a grande maioria encontra-se com 15 anos. No que respeita à nacionalidade contavam-se cinco diferentes: 24 portugueses, 1 cabo-verdiano, 1 angolano, 1 chinês e 1 brasileiro. A maioria dos alunos vem de uma outra escola das redondezas, sendo, portanto, o primeiro ano que frequentam a ESPAN.

Na primeira reunião de Conselho de Turma, conduzida pela directora de turma Professora Rita Dias, soube-se que dos 28 alunos 3 são repetentes. Saí desta mesma reunião com a impressão de que se tratava de uma turma com um aproveitamento razoável e com um bom comportamento. E não me enganei.

Embora os alunos se encontrassem numa faixa etária em fase de normal afirmação perante os colegas, ao contrário do 10.º H, esta turma apresentava uma maturidade *sui generis*, em muito semelhante às das turmas de 12.º ano que também acompanhei. Logo nas primeiras aulas foi possível identificar dois elementos mais faladores. As estratégias da professora para que estes moderassem a participação resultaram e ao longo do primeiro período foram deixando de perturbar a aula.

De um modo geral as aulas decorreram com normalidade, a turma era participativa e empenhada. As actividades eram recebidas com interesse obtendo bons resultados ao longo do ano lectivo, o que acabou por ser também muito gratificante para o professor.

## **II. 2.3. A turma do 12.º C**

O 12.º C é uma turma de Ciências e Tecnologias constituída por 13 alunos, 6 rapazes e 7 raparigas e as idades variam entre os 17 e os 19 anos.

Poucas semanas depois de as aulas começarem entrou um novo aluno para a turma, oriundo de Cabo-Verde. Embora o português seja língua oficial neste país, o aluno apresentava algumas dificuldades, sobretudo a nível da escrita, mencionando o

facto de falar crioulo no seu quotidiano, razão que levou a que fosse encaminhado para frequentar as aulas de PLNM<sup>9</sup>. Embora estas só tivessem decorrido no primeiro período (por deixar de haver professor), o aluno acabou o ano com aproveitamento.

A nível de relações notei uma grande maturidade e responsabilidade em todos, não só na sala de aula como também fora desta. Não se formaram “grupos”, havia sim uma grande união, visível até na forma como receberam o novo colega. No geral a pontualidade foi cumprida e o nível de assiduidade apenas foi quebrado por um aluno que faltava com mais regularidade.

No que respeita à participação devo referir que teve um balanço positivo, os alunos participavam, comentavam quando achavam pertinente e, por norma, estavam atentos. A boa relação com a professora Isabel Leal era notória; conseguia-se cumprir o plano de aula e muitas das vezes ainda havia tempo para um diálogo profícuo acabando por abordar temas interdisciplinares.

Não posso deixar de referir que a nível da relação pedagógica a turma soube ser bastante acolhedora e afectuosa comigo e com a minha colega de estágio, de forma que me senti como parte daquela turma. Em Abril fizeram questão de nos convidar para participar num projecto elaborado por eles, relacionado com a disciplina de Área Projecto, que consistia numa aula de Ioga. Não só participei como fiquei bastante grata pelo convite.

#### **II. 2.4. A turma do 12.º H**

O 12.º H é uma turma da área de Línguas e Humanidades, constituída por 17 alunos na sua maioria do sexo feminino, 12 raparigas e 5 rapazes, sendo que uma das alunas é apenas assistente. As idades variam entre os 16 e os 20 anos.

Quanto à disciplina de Português, no que respeita ao aproveitamento escolar, há dois alunos que se situam no nível bom, enquanto a maioria se situa no nível suficiente embora se deva destacar o esforço e motivação de alguns elementos. Por fim, há duas

---

<sup>9</sup> Sigla para Português Língua Não Materna.

alunas que se mantiveram ao longo do ano lectivo quase sempre no nível negativo, não só pelas dificuldades evidenciadas a nível de conteúdos mas sobretudo pela falta de assiduidade e empenho na disciplina.

Destes 17 alunos havia um com necessidades educativas especiais (NEE), para o qual era necessário fazer testes adaptados.

No que diz respeito à relação pedagógica, a minha opinião sobre a turma foi-se construindo ao longo do tempo. Encontrei aqui uma turma mais reservada que, ao contrário das restantes, não me dirigiu palavra nos primeiros dias. No entanto, com o passar das aulas, foram-se revelando mais abertos e a relação acabou por se tornar mais sólida, o que ficava evidente mesmo fora da sala de aula, no recinto, quando me cumprimentavam.

## **II.3. Observação de aulas**

### **II.3.1. As aulas da Professora Isabel Leal**

Ao longo de dez meses, o meu estágio na ESPAN foi orientado pela Professora Isabel Leal. Embora nos primeiros dias eu tivesse ficado preocupada com a minha comparência às aulas de quatro turmas, pois isso implicaria várias mudanças, nomeadamente em relação ao horário no meu emprego, a verdade é que não tardou para que me apercebesse da riqueza pedagógica que essas quatro turmas tão desiguais me proporcionaram em termos de ensino. Com certeza que a minha aprendizagem não teria sido tão completa e tão rica se tivesse acompanhado somente uma turma.

No que diz respeito à metodologia usada nas aulas, a Professora Isabel ministrava com base em diversos materiais, revelando aulas muito versáteis. Além do uso de ferramentas mais clássicas, como é o caso do livro, quadro e fichas, havia algum recurso às novas tecnologias, desde os CD's à internet, o que acabava por incitar também à criatividade dos alunos.

Além do processo de partilha de experiência profissional exercido pela professora Isabel para comigo, o lado humano não ficou esquecido, isto é, soube valorizar o lado humano das relações profissionais.

Ainda que as nossas reuniões semanais servissem exactamente para reflectir acerca da prática pedagógica, a Professora Isabel fazia questão de partilhar connosco meras observações diárias, não só referentes a nós, estagiárias, e à nossa prática mas sobretudo em relação a atitudes dos alunos, pormenores que mereciam atenção e reflexão crítica. Ainda em relação aos conteúdos a serem leccionados, a orientadora deixou-me sempre informada acerca de tudo o que iria ser dado na sala de aula.

No que respeita à relação da Professora Isabel com os alunos, esta era pautada pelo respeito mútuo, de modo que foram raros quaisquer conflitos ao longo do ano. Ocorreu apenas uma situação na turma do 10.ºH que mereceu a imediata intervenção da professora, o que fez com que não se voltasse a repetir nada semelhante: bastou apenas um diálogo no final da aula com a aluna em causa, para que esta mudasse radicalmente a sua atitude na forma de estar na sala de aula. Afinal, um bom professor não se limita a ensinar mas também a educar!

Durante a minha observação apercebi-me da evidente confiança que os alunos depositavam na professora. Muitas vezes, no final das aulas, vinham ter com a professora à secretária para partilhar os mais diversos assuntos emocionais/familiares que nem tinham que ver com a matéria leccionada. Em suma, o ambiente geral vivido nas aulas era de interacção, com abertura para o diálogo e para a cooperação.

### **II.3.2. As aulas da Sara Costa**

A minha colega Sara acompanhou-me na ESPAN desde Setembro. Assim como eu, além de leccionar nas quatro turmas que acompanhávamos, era presença assídua na observação das aulas da Professora Isabel Leal procurando assistir ao maior número de aulas possíveis.

As notas que tirávamos das aulas eram partilhadas de forma a completar a nossa visão de estratégias dos métodos de ensino. No que respeita às planificações e materiais produzidos, fazíamos questão que fossem partilhados por ambas.



Os comentários feitos pela Sara às minhas aulas e a observação que pude realizar às dela foram muito profícuos no sentido em que me permitiram reflectir acerca das minhas próprias aulas e repensar em métodos mais adequados e eficazes.

Embora não tenha surgido a oportunidade de assistir às aulas leccionadas pelas restantes colegas de mestrado, as experiências vividas por nós eram partilhadas todas as semanas, no dia em que íamos à faculdade. O facto de todas estarmos a leccionar anos distintos, proporcionou-me somar experiências e novos métodos de trabalho.

## ***II. 4. Aulas leccionadas***

A primeira aula que dei foi na turma do 12.ºC, no dia 15 de Outubro de 2010. Fazia parte de um bloco de 90 minutos sobre o conteúdo programático do Texto Lírico, mais precisamente Fernando Pessoa Ortónimo<sup>10</sup>.

Embora a turma me tivesse recebido com um sorriso, a expectativa era muita. Recordo que nesta altura eu já não me sentia aluna mas professora também não, ou seja, estava exactamente na fase de transição. Acho que os próprios alunos também me viam com essa indefinição. Tinham consciência do meu percurso académico, no entanto também sabiam da minha total inexperiência.

Para esta primeira aula contei com o apoio da minha orientadora na execução da planificação da unidade didáctica e do respectivo plano de aula que respeitaram os objectivos e as competências do Ministério da Educação. A aula decorreu sem sobressaltos e o plano foi cumprido.

Na íntegra leccionei vinte blocos de 90' minutos que se estenderam de Outubro até Maio, divididos da seguinte forma:

---

<sup>10</sup> Programa de Português do Ensino Secundário. Disponível em [www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues\\_10\\_11\\_12.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues_10_11_12.pdf) (Agosto 2011).

- Dois blocos sobre o conteúdo programático do Texto lírico: *Fernando Pessoa Ortónimo* (12.º C e 12.º H);
- Dois blocos sobre o conteúdo programático do Texto lírico: *Heterónimos Pessoaanos* (12.º C e 12.º H);
- Seis blocos sobre o conteúdo programático Texto lírico: *Poesia Lírica Camoniana* (10.º H);
- Três blocos sobre Textos narrativos e descritivos: *Contos de Autores do Século XX* (10.º D);
- Quatro blocos sobre Textos expressivos e criativos: *Poetas do Século XX* (10.º D e 10.º H);
- Um bloco sobre Textos épicos e épico-líricos: *Os Lusíadas e Mensagem* (12.º C);
- Dois blocos sobre Textos narrativos e descritivos: *Memorial do Convento* (12.º C).

#### **II. 4.1. A Unidade Didáctica: *Poetas do Século XX***

Segundo o programa de Português, no âmbito do conteúdo que diz respeito a *Textos expressivos e criativos – poesia lírica*, os alunos que frequentam o 10.º ano de escolaridade devem ler alguns poemas enquadrados na literatura portuguesa e literaturas de língua portuguesa. É neste seguimento que se insere o estudo dos poemas “Viver sempre também cansa”, de José Gomes Ferreira e “Os nossos tristes assuntos”, de Vasco Graça Moura, nas turmas do 10.º D e 10.º H. (Plano da aula – Anexo II)

Apoiei-me no manual adoptado - *Entre Margens*, sobretudo para que os alunos acompanhassem a poesia aí presente. Comecei com o poema de José Gomes Ferreira “Viver sempre também cansa”. Depois de dar conhecimento de alguns dados biográficos do autor, expliquei que se tratava de um dos grandes escritores do século XX e que o poema tinha sido publicado na revista “Presença” em 1931. Informei, ainda, que havia um documentário em vídeo sobre o autor, intitulado “Um Homem do

Tamanho do Século”, na videoteca da escola, e que apenas não o passava na aula por causa dos longos minutos de duração.

Primeiro, fiz uma leitura expressiva do poema e depois pedi a dois alunos que de forma repartida o relessem. Sobre a importância da leitura e do discurso oral, Mata refere que *A leitura oral precisa, e muito, de ser treinada e a exposição dos alunos a produções orais de excelência precisa de ser promovida*. (MATA, apud DUARTE & MORÃO, 2004: 94).

Questionei a turma sobre o título. Percebi, com agrado, que o sentido global do texto tinha sido captado, embora fosse a primeira vez que tinham contacto com ele. À medida que foram desconstruindo o poema, chamei a atenção para a explicação dada para o cansaço de viver: a monotonia da vida, as atitudes irrefletidas dos homens, as guerras, etc. Os alunos associaram que o autor viveu a sua juventude durante a 1.º e a 2.ª guerras mundiais e que não deve ter sido fácil viver nessa época, o que pode, com certeza, reflectir-se nos escritos. Alguns associaram, também, o “amor do Norte” que é referido no poema ao facto de o autor ter vivido alguns anos na Noruega, enquanto cônsul. Este último dado tinha-lhes sido dado durante a apresentação dos traços biográficos do autor, no início da aula, podendo-se deduzir que estiveram atentos à exposição inicial. De seguida, pedi aos alunos que de forma organizada e um de cada vez, dessem um novo título ao poema. Surgiram várias hipóteses, que fui apontando no quadro. Desta forma consegui perceber quais os que realmente tinham acompanhado a análise do poema e o tinham compreendido. Seguidamente, e apenas por curiosidade, entreguei aos alunos uma fotocópia do original do poema, ainda escrito à mão. Já o tinha feito numa turma de 12.º ano, com uma fotocópia de um escrito original de Fernando Pessoa que se encontra na biblioteca nacional, e os alunos tinham demonstrado interesse. Por fim, foi entregue um questionário com perguntas de interpretação e funcionamento da língua que foi realizado, quase na totalidade, na aula. As restantes questões que não foram terminadas ficaram como trabalho de casa.

Iniciei o segundo bloco com uma pequena recapitulação do que tinha sido dado na aula anterior, como faço habitualmente. Em seguida procedeu-se à correcção do trabalho de casa.

Antes de dar início ao estudo do segundo poema “Os nossos tristes assuntos”, de Vasco Graça Moura, referi alguns dados biográficos do autor, presentes no manual.

Depois, pedi aos alunos que não voltassem logo a página (na qual estava o dito poema). Pensei em aguçar a sua curiosidade em relação ao conteúdo deste, uma vez que ainda não tinham conhecimento do título do mesmo. Confrontei-os com uma imagem de um quadro de Edward Hopper, intitulado “Autómato” (cf. Anexo III), que serviria como mote para o poema que se seguia. Pedi-lhes que através da informação transmitida pela imagem, tentassem antecipar o tema do poema. Os alunos apressaram-se a interpretá-la: disseram que se tratava de uma mulher claramente triste, com ar pensativo, sentada à mesa de um café. A cadeira ao seu lado, ligeiramente afastada da mesa, indicava que ou esperava alguém ou esse alguém já tinha ido embora, ou ainda, talvez nunca tivesse aparecido para o encontro. Rapidamente associaram que a solidão provocada pelo fim de um relacionamento seria o tema do poema da página seguinte. Pedi que voltassem a página.

Em vez de ler o poema, optei por dá-lo a ouvir, recorrendo ao CD do manual “Entre Margens” que contém uma interpretação feita por Pedro Almendra. Ao longo da desconstrução do texto, os alunos foram indicando as ideias principais: não se sabe ao certo se se trata de um sujeito poético masculino ou feminino, sabe-se apenas que é alguém que ficou destroçado com o fim de um relacionamento, rasgou os retratos e deitou fora todas as lembranças, pois já nada fazia sentido na sua vida. Curioso foi ouvir os alunos fazerem analogia com os dias actuais, pois agora já não se rasgam os retratos, apagam-se do computador e do telemóvel, é mais simples, segundo eles, “e em caso de arrependimento dá sempre para recuperar”.

De seguida, pedi que fizessem um comentário a outra imagem apresentada. Tratava-se de dois adolescentes sentados de mãos dadas mas cada um a falar ao telemóvel. Mencionaram que actualmente é mais fácil relacionarem-se e, por causa dessa facilidade, talvez haja mais relacionamentos embora estes sejam de menor duração.

Por fim entreguei-lhes algumas quadras ao jeito popular de António Aleixo, apenas para as observarem, e sugeri uma pequena oficina de escrita criativa. Pedi que se juntassem em pares e escrevessem a sua própria quadra, a fim de consolidarem os conhecimentos e de forma a estimularem as suas potencialidades sobre a escrita. No final da aula cada par leu as suas quadras perante a turma, resultando em algumas muito criativas, outras bastante humorísticas. Foi interessante observar que enquanto os

rapazes optaram por temas relacionados com a política e a sociedade, as raparigas optaram, na sua maioria, por temáticas mais sentimentais, ligadas ao desgosto amoroso.

Esta actividade correu muito bem e alguns alunos sugeriram até que deviam haver mais aulas de escrita livre. Depois de passadas a computador, as quadras foram afixadas no *placard* da sala de aula com o título “O dia da poesia pode ser todos os dias”, para que as outras turmas também as pudessem ler (cf. Anexo IV).

#### **II.4.2. A Unidade Didáctica: *Contos de Autores do Século XX***

Os três blocos de 90 minutos leccionados na turma do 10.º D, em Fevereiro, visavam trabalhar a 5.ª sequência do programa de Português<sup>11</sup>: *Textos narrativos e descritivos*. Segundo o programa, os alunos devem ler pelo menos dois contos ou novelas, um(a) de literatura Portuguesa e um(a) de literatura universal. As competências desta sequência de ensino apontam sobretudo para a construção de uma identidade cultural, *construindo estratégias de leitura e de escrita adequadas à finalidade* (Programa de Português, 2002: 54).

A professora Isabel deixou a escolha do conto ao critério das estagiárias. Escolhi o conto *Os Vizinhos*, que tem como eixo dominante as etnias, as relações humanas e as suas divergências, do autor moçambicano Mia Couto.

Ao longo das três aulas leccionadas procurei recorrer o menos possível ao manual, usando-o apenas para que os alunos pudessem acompanhar a leitura do Conto.

Para a primeira aula (cf. Planificação Anexo V) criei um *PowerPoint* (cf. Anexo VI) onde constaram alguns dados bibliográficos do autor, assim como uma breve passagem pela história de Moçambique e, por último, alguns exemplos de neologismos usados pelo autor, facto que causou um enorme interesse por parte dos alunos. Na

---

<sup>11</sup> Programa de Português do Ensino Secundário. Disponível em [www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues\\_10\\_11\\_12.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues_10_11_12.pdf) (Agosto 2011).

minha perspectiva, estes mostraram-se muito entusiasmados ao notarem que o computador ia ser usado, disponibilizando-se até para me auxiliarem na parte logística.

Antes da análise do conto aproveitei um texto de 2007 do *Expresso* sobre a guerra no Darfur (desencadeada por conflitos entre a zona norte e sul do Sudão), e pedi aos alunos que o lessem, com a finalidade de instigar o debate sobre o tema. Comecei por questioná-los acerca do assunto, uma vez que uma das competências visadas na 5.<sup>a</sup> sequência de 10.º ano das orientações programáticas é exactamente a *Construção de uma identidade cultural e o conhecimento e aceitação das diferenças do outro*<sup>12</sup>. De imediato surgiram opiniões e, a partir destas, outras questões levantadas pelos alunos. O facto de se tratar de uma turma com dois alunos cabo-verdianos, uma aluna de origem chinesa e uma aluna brasileira fez com que as questões levantadas sobre as diferenças culturais enriquecessem ainda mais o diálogo. O meu objectivo era exactamente esse: dar voz aos alunos, provocar neles a necessidade de se exprimirem e de defenderem a sua opinião, desenvolvendo o seu sentido crítico e a formação para a cidadania. Foi neste sentido que me chamou a atenção a afirmação de Isabel Duarte: *Os textos literários educam a sensibilidade e o gosto, mas educam também os valores estéticos e éticos e dão aos alunos a possibilidade de se tornarem cidadãos de pleno direito, com capacidade de ler por prazer e assim conhecerem melhor a língua que os constitui, contactarem com outros mundos.* (DUARTE, 2001: 68). A leccionação deste conto coincidiu ainda com a notícia avançada pelos meios de comunicação de que já havia um acordo para a divisão do Sudão em dois países: Sudão e Sudão do Sul, facto que tornou ainda mais propícia a exploração do assunto.

Passamos para a leitura do conto “Os vizinhos”. Li os primeiros parágrafos e seguidamente pedi a alguns alunos que continuassem. Comecei por instigá-los acerca da relação entre o texto inicialmente lido e o conto. De imediato os alunos associaram que os dois textos têm em comum a desavença entre seres humanos, causada por questões étnicas, sendo que no primeiro caso a questão tomou proporções mais graves. Foi, ainda, explorado o papel dos meios de comunicação e a forma como os

---

<sup>12</sup> Programa de Português do Ensino Secundário. Disponível em [www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues\\_10\\_11\\_12.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues_10_11_12.pdf) (Agosto 2011).

mesmos expõem a informação ao público, pois se esta não for bem reflectida e contextualizada, pode ser perversa.

Iniciámos o segundo bloco com uma síntese do que tinha sido visto na aula anterior e finalizámos a análise do conto. De seguida, iniciámos a realização de uma ficha com algumas questões de interpretação, relacionadas com o texto.

Por esta altura, a minha orientadora já me tinha dado conhecimento do teste que ia dar à turma e, por isso, tendo em vista a matéria seleccionada resolvi elaborar uma ficha sobre as categorias da narrativa, para que no teste os alunos não tivessem quaisquer dúvidas. A ficha consistia numa grelha dividida com várias categorias da narrativa e pedia-se que os alunos a completassem com exemplos retirados do texto. Entreguei uma a cada um e pedi que esta fosse realizada em grupos de quatro alunos. Entendi que nesta turma a formação dos grupos podia ser aleatória (creio que o mesmo não aconteceria se se tratasse do 10.º H, onde teria de haver uma ponderação na composição dos grupos). Como entretanto a aula já estava a chegar ao fim, pedi que cada um, em casa, tentasse terminá-la. Assim, os dois blocos iniciais propostos alargaram-se para três.

O objectivo era não só trabalhar o conteúdo programático do texto narrativo, mas também desenvolver a cooperação entre os alunos, dando-lhes um papel mais activo para que estes criassem uma responsabilidade individual: a aprendizagem com e pelos outros, espírito de iniciativa, capacidade de ouvir os outros, resolver conflitos, etc. No artigo “Práticas Educativas Eficazes”, Walberg e Paik defendem que *Participando em pequenos grupos, os alunos aprendem a trabalhar em equipa, como fazer e receber críticas, como planear, controlar e avaliar as suas actividades individuais e as que fazem com os outros colegas*. (WALBERG & PAIK, 2000: 15).

O terceiro e último bloco foi iniciado com uma verificação de quem tinha realizado o trabalho de casa. A maioria dos alunos tinha feito apenas uma parte e, por isso, dei mais algum tempo para que a terminassem. Por fim, pedi que dentro de cada um dos seis grupos, elegessem um elemento para ir ao quadro registar uma das categorias.

Embora o exercício tenha corrido bem no que toca à pesquisa e sistematização, constatei que os alunos não estavam preparados para serem tão autónomos pois solicitavam a minha presença constantemente.

No final dos três blocos a minha orientadora deu um parecer positivo, revelando até alguma surpresa com o sucesso do trabalho de grupo.

#### **II.4.3. A Unidade Didáctica: *Memorial do Convento***

Acaba por haver uma maior pressão relacionada com o tempo nas aulas do 12.º ano, uma vez que é ano de exame nacional; todavia, o desenvolvimento natural da aula também se dá de uma forma mais regular, pois o nível de atenção dos alunos em geral é superior aos do 10.º ano.

Uma vez que o *Memorial do Convento*, de José Saramago, foi leccionado no 3.º período do ano lectivo, a planificação da aula já não apresentou quaisquer dúvidas relativas à execução. Conteí ainda com vários materiais cedidos pela professora Isabel, desde apontamentos e fichas informativas sobre os textos narrativos e descritivos.

O manual adoptado para este ciclo, *Antologia*, apresenta vários excertos da obra, no entanto não apresenta grandes propostas de actividades, o que acaba também por dar uma maior liberdade de criação ao docente. *Memorial do Convento* é uma obra exigente, que se tornou num grande desafio para mim.

Dos XXV capítulos que compõem a obra, leccionei do XVIII ao XXIV, deixando o último capítulo para a minha orientadora, como acordado.

Alguns alunos recorreram ao manual adoptado - *Antologia* - enquanto outros adquiriram a obra integral, tal como recomendado pela professora. À medida que íamos analisando os capítulos, tentei chamar a atenção dos alunos para vários aspectos curiosos, não só para lhes mostrar a riqueza da obra mas também para tentar incutir-lhes o prazer da leitura. Recorri a algumas estratégias mais simples, como escrever ou esquematizar no quadro as fases mais importantes de cada capítulo.

Antes de avançar para os capítulos finais, propus a realização de uma ficha de sistematização da obra. Esta consistia no preenchimento de uma tabela com informações relevantes que marcassem o desenvolvimento da acção e que indicassem o crescimento



das diferentes personagens ao longo da obra. O trabalho podia ser feito em pares, mas com uma ficha individual para cada aluno.

Embora a actividade tenha corrido bem, com uma boa sistematização dos conteúdos, não correu exactamente como previsto, sobretudo no que toca ao tempo. Posteriormente, percebi que o erro já vinha desde a planificação. Devia ter previsto mais tempo para a realização da actividade e respectiva correcção.

Esta unidade didáctica ficou concluída com a visita de estudo ao Convento de Mafra, em Março.

#### **II.4.4. A elaboração do teste de avaliação**

De acordo com as indicações da minha orientadora, coube-me a execução de dois testes de avaliação (A e B), em Novembro, para a turma do 10.º H, sobre a Unidade Didáctica *Camões Lírico* (cf. Anexo VII), assim como a realização da respectiva correcção (cf. Anexo VIII), elaboração da matriz (cf. Anexo IX) e critérios de correcção. O teste reflectia o conteúdo dado nas minhas aulas e contei com ajuda da professora Isabel numa primeira fase de desenvolvimento.

Quanto à sua estrutura, o poema inicial era comum ao teste A e B e foi-me indicado pela orientadora. Tive alguma liberdade na elaboração das perguntas de interpretação mas tinham de ser muito semelhantes nos dois testes. O segundo grupo teria de ser constituído por um exercício de verdadeiro e falso, com conteúdo gramatical e dissemelhante para ambos os testes. Por fim, o terceiro grupo consistia num texto com um mínimo de cento e cinquenta e um máximo de duzentas palavras, igual para o teste A e B.

A minha orientadora apresentou-me alguns testes de anos transactos para me apoiar e, para evitar quaisquer lapsos, o teste foi por si analisado minuciosamente antes da impressão da versão final. A correcção da prova escrita, que se revelou uma experiência nova para mim mas também algo complexa, foi posteriormente examinada pela professora Isabel, antes da entrega aos alunos.

O desempenho dos alunos foi em tudo semelhante ao demonstrado no primeiro teste que realizaram.

### ***II.5. As observações da Professora Isabel Leal/Reflexão***

No decorrer das aulas que leccionei entreguei as planificações e respectivos planos de aula à minha orientadora com a devida antecedência, para que fosse possível fazer as alterações ou correcções necessárias.

Quando as aulas terminavam, a professora Isabel dava o seu parecer acerca do desempenho. No entanto, abordávamos esta questão com mais pormenor nas reuniões, às quartas-feiras, como referi anteriormente.

Com o passar das aulas, a prática já fazia adivinhar os pontos fracos e fortes apontados pela orientadora, isto é, a experiência que fui adquirindo já me proporcionava ter uma visão auto-crítica das aulas que leccionava. Quando as aulas corriam bem, a professora Isabel elogiava; quando as aulas não corriam como esperado, a professora Isabel apontava o que deveria ser melhorado no meu desempenho. Uma vez que a Sara assistiu a todas as minhas aulas e eu às dela, as opiniões trocadas entre nós também me ajudaram a reflectir.

O parecer positivo por parte da professora Isabel intensificou-se sobretudo nos últimos meses, sensivelmente a partir do 2.º período escolar, o que contribuiu claramente para que eu ganhasse cada vez mais confiança no papel a que me propunha: o de professora.

## ***II.6. Visitas de Estudo***

Ao longo do ano lectivo tive oportunidade de acompanhar as quatro visitas de estudo que se realizaram. O Museu Nacional de Arte Antiga (no dia 19 de Janeiro), o Museu Calouste Gulbenkian (no dia 26 de Janeiro), a Quinta da Regaleira (no dia 9 de Fevereiro) e o Convento de Mafra (no dia 14 de Março) foram os locais visitados.

Enquanto as duas primeiras visitas de estudo se inseriam no âmbito do estudo da unidade didáctica sobre *Camões Lírico*, 10.º ano (o que pressupunha uma contextualização da época renascentista), a visita à Quinta da Regaleira surgiu no âmbito do estudo *d'Os Lusíadas* e de *Mensagem* (12.º ano) e, por fim, a visita ao Convento de Mafra inseriu-se no âmbito do estudo da obra *Memorial do Convento* (12.º ano).

Os alunos compareceram, quase na totalidade, a todas as visitas de estudo, cheios de curiosidade e com boa-disposição, mantendo um comportamento exemplar. Estes momentos acabavam por proporcionar uma aproximação entre alunos e professores, fruto de um ambiente mais informal.

O Anexo X contém um exemplo de um dos quatro relatórios que fiz sobre as visitas.

## ***II.7. Actividades***

### **II.7.1. Actividade de fim de ano lectivo: Recital de Poesia**

O recital de poesia surgiu no seguimento de uma actividade que eu e a Sara Costa tínhamos vontade de fazer na ESPAN, com o objectivo de divulgar a poesia e promover o gosto pelo texto lírico fora do contexto de sala de aula. Os participantes seriam os alunos e o público-alvo os professores, auxiliares de acção educativa e restantes alunos.

Com o auxílio da professora Isabel começámos por abordar os alunos que inicialmente tinham demonstrado mais interesse pela leitura de textos líricos na sala de aula e apresentámos-lhes a ideia do recital de poesia, convidando-os para fazerem parte desta actividade. Apresentámos o nosso plano também na Reunião de Grupo e solicitámos aos professores de Português que levassem esta ideia para as suas aulas, e nos indicassem posteriormente os alunos interessados em participar.

Embora esta actividade tivesse sido pensada, inicialmente, para se concretizar na Semana Cultural, a maior parte dos alunos realizava testes por esta altura. Alterámos, então, para a data de 7 de Junho, às 14h horas.

A actividade foi bem aceite pelos membros da Direcção do Conselho Executivo, tendo-nos sido dada autorização para a realização no Auditório da escola.

Marcámos ensaios semanais com os alunos, quando estes tinham horas livres entre as aulas, primeiro para fazermos uma selecção dos poemas e depois para os ouvirmos recitar. Embora alguns alunos se tenham apresentado inseguros numa primeira fase de leituras, rapidamente foi ultrapassado. Creio que o facto de ouvirem os restantes a recitar, também lhes deu entusiasmo. Por fim, espalhámos diversos cartazes pela escola.

Devo dizer que esta actividade me deu imenso prazer em realizar e superou, sem dúvida alguma, as minhas expectativas. O auditório com capacidade para cerca de 200 pessoas encheu-se; foram recitados cerca de 30 poemas de autores de todas as épocas, desde José Régio, a Ary dos Santos, Nuno Júdice, Florbela Espanca, Bocage, etc.; participaram 16 alunos de várias turmas. Destaco uma aluna que levou poemas da sua autoria que não só recitou como cantou, com a ajuda de outra colega. A abertura e o encerramento foram protagonizados por mim e pela minha colega Sara, com um pequeno discurso de agradecimento pelas presenças. Finalizámos com um aluno do 10.º D que se propôs actuar com a sua banda.

A actividade acabou não só por consolidar de forma lúdica os conteúdos programáticos como acabou por reunir no mesmo espaço a comunidade escolar numa altura de encerramento do ano lectivo.

Para consultar o alinhamento do recital, o convite e algumas imagens, remeto para anexo (cf. Anexos XI).

## II. 7.2. Workshop com o 12.º C

No âmbito de um trabalho produzido para a disciplina de Área Projecto, realizou-se em Abril uma aula colectiva de Ioga (método de ascese que consiste na união do corpo e da mente), levada a cabo por alguns alunos do 12.º C.

A actividade recreativa, cujo tema era “Mente Saudável”, teve lugar no pavilhão da Escola e o convite estendia-se não só a alunos como a professores, com o objectivo de motivar as pessoas a praticarem actividade física de uma forma diferente do habitual, melhorar o relacionamento inter-desportivo e diminuir o *stress*. Havia também o propósito de angariar alguns fundos para a viagem de finalistas.

Eu e a minha colega de estágio, Sara, aceitámos o convite e participámos juntamente com alguns professores. Uma aluna ficou responsável pela filmagem que posteriormente iria servir para a apresentação do projecto final da turma.

A aula teve a duração de 1.45h e permitiu estreitar os laços entre alunos e professores.

## Capítulo III: Prática de Ensino Supervisionada – Latim

### III. 1. *O Estágio em Latim – Primeiro Contacto*

O estágio de Latim I e II decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sob a orientação do Professor André Simões.

Depois de alguma incerteza em relação à realização do estágio – por razões já referidas anteriormente neste relatório - comecei a assistir às aulas no dia 25 de Novembro de 2010, juntamente com a colega de estágio Cátia Barroso.

Num primeiro contacto, o professor recebeu gentilmente as estagiárias.

Íríamos acompanhar, por escolha própria, uma turma pós-laboral, cuja periodicidade era de quatro horas semanais: das 18h às 20h, à terça-feira e das 20h às 22h, à quinta-feira.

Ao longo do ano lectivo leccionei quatro blocos:

- As orações subordinadas causais
- Os tempos verbais: o imperfeito do conjuntivo da voz activa
- O imperfeito do indicativo activo das quatro conjugações e do verbo *sum, es, esse, fui*.
- O sistema do *Infectum*

#### III. 1.1. As reuniões

Não havia dia definido para as reuniões entre o professor André e as estagiárias. O professor deixou-nos à-vontade para aparecermos no seu gabinete antes das aulas, sempre que precisássemos de resolver alguma questão.

Definiu-se que quanto às planificações podíamos ser mais autónomas na realização dos materiais, isto é, o professor dava-nos a conhecer o cronograma das aulas e, a partir daí, tínhamos liberdade não só para escolher a aula a leccionar, como os

materiais para apresentar nesta. Por norma, as planificações eram enviadas por *e-mail* para uma primeira análise por parte do professor e, posteriormente, eram corrigidas e entregues de novo ao professor orientador, desta vez em mãos, com, pelo menos, duas aulas de antecedência.

Por fim, sempre que uma estagiária leccionava uma aula, o orientador propunha uma reunião antes da aula seguinte com a finalidade de nos dar a conhecer o seu parecer e de elucidar a estagiária sobre os pontos a melhorar.

### **III. 1.2. Caracterização das turmas**

#### **III.1.2.1. As turmas de Latim I e II.**

A turma de Latim I (pós-laboral) era composta por doze alunos, de licenciaturas diferentes, na sua maioria de Estudos Portugueses e Lusófonos. Acabou por ser uma turma heterogénea pois os alunos não tinham entrado no Ensino Superior na mesma fase, isto é, cerca de seis alunos entraram na 1.<sup>a</sup> fase e os outros seis na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> fases. Com efeito, esta questão levou a que as aulas fossem dadas a um ritmo mais lento, numa primeira etapa, pois era como se houvesse duas turmas diferentes na mesma sala.

De referir que, à excepção de um aluno, os restantes onze eram trabalhadores-estudantes, que na maior parte das vezes iam para as aulas depois de 8 horas de trabalho. Contudo, este facto não foi prejudicial para o rendimento dos alunos. As notas dos que entraram na primeira fase variaram entre os 16 e os 20 valores, enquanto as dos que entraram mais tarde variaram entre os 10 e os 18 valores.

Terminado o primeiro semestre, retomei o acompanhamento da turma no segundo semestre, em Fevereiro de 2011, também com o professor André Simões. As alterações foram muito poucas, a turma manteve-se quase igual. Quanto à avaliação final de Latim II, verificou-se uma pequena descida em relação às notas de Latim I.

## ***III.2. Observação de aulas***

### **III.2.1. As aulas do Professor André Simões**

Assim que fomos apresentadas ao professor André, este convidou-nos logo a estarmos presentes na aula seguinte, para nos apresentar aos alunos e transmitir-lhes que iríamos leccionar algumas aulas.

Desde o início do ano lectivo verificou-se uma elucidação do programa de Latim - através de um cronograma das aulas fornecido pelo professor, os alunos já sabiam o que iria ser leccionado e quando. A relação do professor André Simões com os alunos era de proximidade e de um grande acompanhamento. As aulas eram bastante dinâmicas, havia espaço para o diálogo e para a participação constante dos alunos. Estes sabiam que também podiam contar com a presença do professor no seu gabinete, cerca de 1 hora antes do início das aulas, para esclarecimento de dúvidas ou para tratar de alguma questão relacionada com as aulas de Latim.

Naturalmente, a sensibilização para a importância do Latim já deve vir de trás, porém, é fundamental continuar a sustentar o interesse do aluno, facto notório nas aulas do professor André Simões.

### **III.2.2. As aulas da Cátia Barroso**

Ao longo dos dois semestres assisti às aulas da minha colega de estágio, Cátia Barroso, e ela às minhas.

Inicialmente cada uma fazia a sua planificação, não só porque o horário do nosso estágio de Português não era compatível para nos encontrarmos, mas também porque cada uma dava um bloco de aula, separadamente. A partir do momento em que o professor orientador sugeriu que dividíssemos um bloco de 90 minutos (45 minutos cada uma de nós), passámos a encontrar-nos para comparar as planificações e os materiais que íamos entregar na aula, para que não houvesse repetições desnecessárias.



O acompanhamento foi benéfico uma vez que me fez reflectir acerca das minhas próprias aulas.

### ***III.3. Aulas leccionadas***

#### **III.3.1. Bloco sobre o Imperfeito do Conjuntivo da Voz Activa**

Independentemente do conteúdo escolhido por mim (dentro dos disponibilizados pelo meu orientador) entendi que devia apostar em materiais e recursos cativantes, sempre que possível. E foi o que experimentei fazer na segunda aula de Latim, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Depois de explicar as características do Imperfeito do Conjuntivo, da voz activa, entreguei aos alunos uma ficha informativa com uma síntese da formação do verbo *Sum, es, esse, fui*. De seguida, para que fosse possível fazer uma comparação visual com os verbos das quatro conjugações, recorri ao *PowerPoint*. Pareceu-me um bom recurso porque à medida que ia avançando em cada verbo, possibilitava apresentar a sua tradução, a conjugação a que pertencia e, ao mesmo tempo, indicar a cores diferentes a vogal de ligação e a vogal temática (quando existiam), o que permitia, a meu ver, uma mais fácil memorização da formação do verbo em questão. Na parte final, os diapositivos continham algumas frases exemplificativas, já com os verbos conjugados. Optei por pedir aos alunos que as lessem, de forma a trabalharem a competência da leitura, e por fim, pedia que tentassem traduzi-las, intuitivamente. Assim, pode abordar-se a influência do Latim na actualidade.

Depois de esclarecidas algumas dúvidas, entreguei uma ficha elaborada por mim, com vários exercícios referentes aos verbos enunciados: um de preenchimento de colunas, outro em forma de palavras cruzadas e, por fim, um com frases simples. A correcção da mesma foi feita no quadro, com a participação dos alunos. (cf. Anexo XII)

Esta aula teve a duração de duas horas, sendo a primeira hora dada por mim e a seguinte pela minha colega de estágio.

### ***III.4. O teste de avaliação***

A frequência de Latim foi elaborada inteiramente pelo professor André Simões, e a sua realização deu-se em dias diferentes, pois sendo uma turma de trabalhadores-estudantes, nem todos os alunos tinham disponibilidade na mesma data.

O professor informou as estagiárias sobre o dia em que iria fazer a correcção e cotação da prova e propôs-nos estarmos presentes, para participarmos na avaliação. Devo referir que foi com grande expectativa e curiosidade que assisti à correcção de uma frequência, algo totalmente novo para mim.

## Capítulo IV: As Metodologias no Processo de Ensino do Português e do Latim

### IV. 1. O papel das metodologias na sala de aula

*É através da comunicação que se estabelece a relação pedagógica, sendo os dois aspectos indissociáveis. (Estrela, 1992:57)*

A escolha deste tema prende-se com o objectivo principal deste relatório, que é mostrar como as metodologias são importantes no processo de ensino-aprendizagem, isto é, como os variados métodos e recursos usados são relevantes e podem fazer toda a diferença no espaço pedagógico. Além de sentir necessidade de aprofundar os meus saberes sobre este tema, como referi na introdução, a escolha deve-se ainda ao meu interesse por este universo. Não pretendo fornecer uma receita para as boas metodologias, mas sim mostrar que há um conjunto de práticas e estratégias que alcançam bons resultados.

Defendo que um bom professor deve ser aquele que procura um meio de cativar os alunos, de ir ao encontro da criatividade e de estimular, pois a desmotivação e a falta de objectivos são dos maiores desafios que um professor enfrenta. *A motivação facilita o sucesso. Por sua vez, a conquista do sucesso reforça a motivação. É um círculo virtuoso.* (ESTANQUEIRO, 2010: 11). Hoje em dia, com o desenvolvimento das novas tecnologias, por exemplo, é muito mais simples ter acesso a novos materiais que chamam a atenção do aluno, nunca esquecendo, claro, o plano científico.

Mas afinal, que práticas educativas utilizam os bons professores? Como adequam o programa aos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos? Como comunicam e obtêm, ao mesmo tempo, o respeito dos alunos? É o que pretendo desenvolver ao longo deste relatório.

Há muito que é discutida a questão das metodologias na sala de aula. Os nomes sonantes vão desde Piaget a Maria Montessori, Freinet ou ainda, se quisermos ir mais longe no tempo, Luís António Verney. Contudo, parece que pelo menos uma conclusão

é possível: um bom método é - sempre que pertinente - variar os próprios métodos. Ainda que as turmas e os alunos sejam dissemelhantes entre si, a experiência é um factor que nos dá uma perspectiva mais segura das didácticas que funcionam e das que não funcionam no ambiente de sala de aula e nos vários aspectos da relação pedagógica.

Em primeiro lugar, os alunos devem perceber que estão ali como uma comunidade de aprendizagem, com o mesmo objectivo comum: aprender (e também ensinar – por que não?). Há muito que a sala de aula não é só o sítio onde o professor debita matéria, sozinho, como sucedia muitas vezes nas escolas mais tradicionalistas. Deve haver um equilíbrio entre a tradição e a inovação. O aluno pode e deve intervir, questionar, mostrar o seu ponto de vista, *Eu participo, logo existo*, (CARNEIRO, 2001). Um professor tem de ter capacidade de comunicar com os mais jovens, criar empatia, compreender também a realidade que os rodeia, fazendo uso de metodologias que levem a uma construção da autonomia e da responsabilidade do aluno. Só assim se cria o ambiente favorável à aprendizagem. Haigh refere que *...queremos que os alunos sintam prazer com a sua educação e a valorizem*. (HAIGH, 2010:194).

#### **IV. 1.1. A transmissão de conhecimento**

*Sê plural como o Universo*

(Fernando Pessoa)

Nunca sabemos como um aluno vai aprender. O que chama a atenção de uns pode passar completamente ao lado de outros. É perfeitamente normal, senão hoje em dia todos teriam os mesmos gostos e, quem sabe, quereriam ter a mesma profissão. Segundo Cury, *Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encerrado dentro do seu próprio mundo*. (CURY, 2003: 4). Não se pode olhar para uma sala de aula e pensar que ali todos são iguais, que todos prestam atenção ao mesmo pormenor. É aqui que entra a diferenciação pedagógica: cabe aos docentes adoptarem a didáctica aos diferentes processos de ensino que cada aluno apresenta, ou seja, respondendo aos diferentes ritmos de aprendizagem existentes. Deve-se olhar para a turma como um todo, quando se pensa no fim a atingir:

a transmissão de conhecimento. Aí sim, a turma pode ser vista como um conjunto, sem esquecer no entanto que esse conjunto tem formas diferentes de reter informação.

Actualmente as turmas são cada vez maiores e nem sempre é fácil dedicar atenção à totalidade. Para começar, é importante avaliar o estágio em que se encontram os alunos; com certeza que estarão em níveis cognitivos divergentes e esse é um factor a ter em conta na utilização do método adequado. Já dizia Savater, ... *el primer objetivo de la educación consiste en hacernos conscientes de la realidad de nuestros semejantes*. (... o primeiro objectivo da educação consiste em tomarmos consciência da realidade dos nossos semelhantes.)<sup>13</sup> Assim, a comunicação na sala de aula é muito importante. O docente deve dar espaço para o aluno se exprimir, para que este “pense” alto e partilhe com a turma o seu raciocínio. Por mais que esteja errado é um risco que deve correr-se, só assim saberá interrogar-se. Desta forma, ajuda também a desenvolver a capacidade de argumentação, exposição e senso crítico. Sobre esta questão surge nas sugestões metodológicas do Programa de Português que uma das competências essenciais é *Saber escutar criticamente discursos orais* (no que diz respeito à compreensão oral) e *Exprimir pontos de vista* (no que toca à expressão oral). No mesmo documento, consta ainda que *No que respeita a afirmação pessoal, considera-se que a Escola deve estimular no aluno o autoconhecimento e a expressão de si, pelo que deve instituir práticas de produção oral unidireccional (aluno → alunos/professor) que dêem lugar a manifestações individuais e adoptar estratégias que visem o descondicionamento da expressão*.<sup>14</sup> Portanto, a interacção entre professor e alunos é fundamental. É o diálogo na aula, a conversação, a elaboração de perguntas que levam o aluno a questionar-se, a reflectir, como entende Bireaud *Para obter melhores resultados, os docentes inovadores esforçam-se por modificar a forma de comunicação pedagógica, de maneira a que os intercâmbios também se estabeleçam no sentido estudante – docente, e entre os estudantes*. (BIREAUD, 1995:75).

---

<sup>13</sup> Fernando Savater. *El valor de Educar*. Informação obtida através de uma fotocópia fornecida numa aula de mestrado.

<sup>14</sup> Programa de Português do Ensino Secundário. Disponível em [www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues\\_10\\_11\\_12.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../Programas/portugues_10_11_12.pdf) (Agosto 2011).

Nas aulas leccionadas por mim, as atitudes e os métodos adoptados variaram em função dos alunos, das turmas e das diferentes circunstâncias de aprendizagem. Procurei uma ponte entre os métodos e as competências essenciais elucidadas no Programa de Português: compreensão oral, expressão oral, expressão escrita, leitura e, por fim, funcionamento da língua. Visando sempre o desenvolvimento destas competências, destaco algum recurso ao método áudio, nomeadamente a utilização do CD para audição de poemas, seguido de um momento de leitura expressiva feita por mim ou pelos alunos, tendo, neste caso, como principal objectivo o aperfeiçoamento da situação comunicativa, do vocabulário e das aptidões linguísticas dos alunos.

Procurei apresentar diferentes tipos de textos, de forma a trabalhar a descodificação e a intencionalidade dos mesmos, assim como o desenvolvimento da formação para a cidadania. Desta forma, quando me parecia pertinente e possível de enquadrar na aula, apresentava textos de várias tipologias, de preferência relacionados com os que estavam a ser trabalhados nesse momento. Por exemplo, no 12.º ano apresentei um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen aquando do estudo de Ricardo Reis, levando os alunos a chegarem a algumas analogias. Já no 10.º ano, durante o estudo de um conto de literatura universal, referente aos conflitos entre amigos e familiares, seleccionei uma notícia antiga do *Expresso* que dava conta de um apelo mundial para o fim da guerra no Darfur (como já foi referido anteriormente neste relatório). Desta forma, pude trabalhar diferentes tipos de textos, levando, ao mesmo tempo, os alunos a exprimirem a sua opinião sobre o tema e a construírem uma cultura literária. A propósito das várias modalidades pedagógicas existentes para abordar um texto, o programa de Português (2002: 24) aponta que *o que importa é fazer do aluno um leitor activo, capaz de seleccionar informação (...) mobilizando referências culturais diversas, comparar textos lidos. (...) A leitura analítica e crítica, porque retrospectiva e reflexiva, cruza observação e interpretação: o aluno procura respostas às questões colocadas inicialmente, aprende a justificá-las, confronta-se com observações de outros (...).*

A nível da expressão escrita, pretendi trabalhar a produção de textos (exercício tão indispensável para o dia-a-dia e que condiciona o sucesso nas restantes disciplinas curriculares), promovendo o sentido criativo e a reflexão sobre o funcionamento da língua portuguesa. A título de exemplo, depois de algumas aulas dedicadas ao estudo do texto lírico no 12.º ano, nomeadamente, dos heterónimos Pessoaanos, sugeri aos alunos a

realização de uma produção de texto em que os heterónimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis apresentassem, em forma de diálogo, a sua forma de encarar a vida (cf. Anexo XIII), resultando em alguns textos bastante criativos, posteriormente lidos perante a turma. Já durante o módulo sobre Poetas do século XX, no 10.º ano, no 3.º período, depois da apresentação de algumas quadras de Vasco Graça Moura, propus à turma que, em grupos de dois, dessem largas à sua imaginação e inventassem a sua própria quadra, em jeito popular. Esta metodologia de trabalho permite consolidar os conhecimentos e trabalhar os conteúdos de forma a reconhecer a dimensão da estética da língua e estimular a produção de textos criativos. O método de trabalhar os conteúdos em grupo, permite igualmente desenvolver a autonomia e a cooperação entre os alunos, todavia, também é preciso ter atenção à formação dos grupos para perceber se não há alunos a lograrem com trabalho de outros. Esta última actividade, ao contrário da desenvolvida com o 12.º ano, foi realizada durante o tempo de aula, funcionando com oficina de escrita e possibilitando um acompanhamento individualizado aos alunos.

O método expositivo, mais tradicional, de recorrer ao manual adoptado e suas respectivas actividades, também era usado com alguma frequência, até porque, como referi anteriormente, tive óptimas referências em relação aos manuais usados nestes anos lectivos.

Ainda no que toca ao método de trabalho usado nas aulas, adoptei uma forma de recapitulação da matéria leccionada no início de cada aula, que consistia numa sistematização muito breve do que havia sido dito na aula anterior. Este método proporcionava uma mais-valia para quem não tinha podido comparecer à aula e uma revisão para quem tinha estado presente.

Em relação à disciplina de Latim, os métodos usados tendiam a exercitar a oralidade, uma vez que se tratava de uma turma de iniciação à língua latina. Ainda assim, os alunos já frequentavam a disciplina há cerca de um mês e, por isso, já havia alguma familiaridade com a língua. Optei, com alguma frequência, por iniciar a leitura em voz alta e seguidamente pedia a alguns alunos que continuassem ou, noutros casos, que repetissem as frases. Estas eram de dificuldade reduzida, por norma sobre temas ligados à civilização romana. De seguida, passava-se ao reconhecimento de palavras, sem a ajuda do dicionário, apelando ao sentido indutivo dos alunos. Era pedido que

tentassem chegar ao sentido global da frase e, só depois, e se necessário, se identificava palavra a palavra, explorando em simultâneo a etimologia. Este método de trabalho permitia reconhecer a similitude entre a língua latina e a portuguesa, tal como refere o programa de Latim (2001: 8), deve-se *Conduzir o aluno a estabelecer constantemente uma aproximação entre a língua latina e a língua portuguesa, numa relação de compreensão de e entre os dois sistemas linguísticos*. Houve alguma utilização de meios audiovisuais, nomeadamente diapositivos, aquando da introdução das formas verbais. Vali-me deste recurso não só por me parecer apelativo e facilitar a memória visual mas sobretudo porque torna possível mostrar num só quadro os vários modos e tempos verbais, evidenciando as semelhanças e as excepções existentes. Todavia, este meio não foi eficaz como esperava: a imagem ficou desajustada no local além de que só no decorrer da aula me apercebi que se tornara quase impossível para os alunos sentados no fundo da sala conseguirem ler letras tão diminutas, algo totalmente imprevisível aquando da elaboração do material em casa. Para sintetizar algumas categorias verbais recorri, apenas uma vez, a um exercício em forma de palavras cruzadas. De forma autónoma, os alunos consolidaram o conteúdo gramatical aplicando-o numa situação diferente.

#### ***IV. 2. A criatividade e a motivação***

*A motivação, qualquer que seja a sua natureza, desempenha um papel importante na aprendizagem. O professor, se visa o sucesso, tem de saber despertá-la e mantê-la viva.*  
(Rodrigues, 1995; 2)

Na actualidade o termo “metodologia” designa não só um conjunto de regras ou princípios empregados no ensino de uma ciência ou arte, como também a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade<sup>15</sup>. Ora, na minha perspectiva esse conjunto de

---

<sup>15</sup> <http://www.infopedia.pt> em Setembro 2011.



princípios empregados no ensino passam por trabalhar a criatividade e a motivação dos alunos, seja na disciplina de Português ou na de Latim.

Haigh refere que *Os alunos vão trabalhar mais e estar muito motivados quando se sentirem felizes e confiantes na sala de aula* (HAIGH, 2010: 173).

Sabe-se que a criatividade deve ser trabalhada desde a infância, através de estímulos à mente. A aprendizagem acontece de forma gradual tal como o conhecimento, resultante da interacção do ser com o meio, com a finalidade de criar um pensamento divergente, ou seja, o que procura soluções criativas (BAHIA e NOGUEIRA, 2005). A criatividade surge, assim, como algo motivador, não só para os alunos como também para o próprio professor. Um trabalho de um aluno, por exemplo, à medida que lhe é permitido usar toda a sua criatividade, torna-se mais motivador, transformando-se rapidamente num projecto de cunho pessoal. Então, o professor deve estimular o senso crítico do aluno, permitindo-lhe aliar o “aprender” ao “pensar”.

Bireaud (1995: 75) refere que a aprendizagem se efectua tanto melhor quanto mais for desejada pelo aluno, e se as condições em que é levada a efeito forem escolhidas, ou, pelo menos, aceites por ele, facto aliás atestado por numerosas observações e investigações. Muitas vezes, o que acontece é uma falta de motivação relacionada com os conteúdos programáticos que, no pior dos cenários, pode levar à anulação da disciplina em questão ou até ao abandono escolar precoce.

Não desconsiderando o valor da motivação na disciplina de Português, a questão intensifica-se mais quando se trata do processo de ensino/aprendizagem do Latim. Sabe-se que os alunos há muito que formaram a ideia de que o Latim é uma língua difícil de aprender. Segundo Rodrigues (RODRIGUES, 1995: 1), ... *para os alunos tal ideia funcionou mais como factor de desinteresse e rejeição do que como estímulo*. Acrescente-se a isto o facto de actualmente o considerarem improfícuo, embora não lhe ignorem o valor formativo e as vantagens culturais. Esta crítica estava relacionada com os métodos de ensino usados por alguns professores e, sobretudo, com a atitude de *menosprezar os meios modernos de comunicação*. Torna-se urgente, portanto, interromper esta “corrente” de ideias. Caberá ao professor gerir as suas técnicas de ensino em função da turma que tem à sua frente. O mesmo autor acrescenta, ainda, que todas as disciplinas podem ser difíceis, *se ensinadas por métodos errados e sem interesse*.

No espaço de sala de aula, a experimentação de novos recursos e materiais inovadores é, muitas vezes, a porta para o sucesso. Para C. Puren (1988), *metodologias são o conjunto de procedimentos pelos quais a teoria é colocada em prática sobre o quê, como e quando ensinar. Os procedimentos ligam-se aos recursos materiais seleccionados para pôr em prática a teoria.*

Neste sentido, surgem as novas tecnologias de informação e comunicação (T.I.C.), cada vez mais imprescindíveis no dia-a-dia dos jovens. A. MATA refere que ... *a Internet tem vindo lentamente a mudar a face da aprendizagem* (MATA, *apud* Duarte & Mourão, 2004: 85). Nos dias actuais, só uma ínfima parte dos alunos não usa as novas tecnologias, seja na escola ou em casa. Felizmente, em Portugal um elevado número de escolas já estão equipadas com computadores, acompanhando assim a evolução das T.I.C. *Os indicadores estatísticos do Observatório das Ciências e Tecnologias para a Sociedade de Informação, entre 1995 e 2001, revelam o investimento que Portugal também tem feito para integrar as novas tecnologias de Informação e Comunicação em todas as escolas.* (MATA, 2004: 86). Se sabemos que se trata de ferramentas que estimulam visual e auditivamente, proporcionam uma maior autonomia da aprendizagem, motivam os alunos e prendem a sua atenção, e se o professor pode conjugá-las com o programa escolar em algumas aulas e ainda aproveitar as suas funcionalidades para partilhar saberes, porque não aliar estes factores? A. MATA menciona ainda que o mesmo relatório da OCDE refere que embora grande parte das escolas estejam equipadas, as T.I.C. estão a ser *claramente sub-aproveitadas*, devendo-se isto sobretudo às dificuldades que alguns professores ainda sentem em integrá-las em actividades, fruto da escassez de formação para esse efeito. *Todos estamos conscientes de que há uma grande evolução tecnológica a que os professores não podem ficar alheios, porque os nossos alunos não o estão. Deve-se diminuir a separação entre a escola e o meio envolvente, cada vez mais dominado pelo acesso aos serviços proporcionados através da Internet.* (A. CARVALHO, 2008: 11).

O desenvolvimento deste tema tem sido tal nos últimos tempos, que alguns cursos universitários no ramo da formação de professores, já incluem áreas de especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação; deduz-se, assim, que começa a haver consciência da necessidade de uma maior formação na área.

Apesar de tudo o que foi referido, estes instrumentos como tantos outros também têm as suas desvantagens. Uma das principais está relacionada com a recolha *online* de informação falaciosa à qual o professor deve estar atento e alertar os alunos.

Por tudo o que foi dito, sublinho que a sua aplicação deve fazer-se de forma consciente, devendo ser vista como um meio e não um fim. *“Como se sabe, a utilização da Internet em ambiente educativo não garante por si só um bom ensino. Mas sendo um meio de comunicação linguística, proporcionando um ponto de encontro com a(s) língua(s) e os seus usos, e com informação sobre a própria língua, ela pode ajudar a criar instrumentos e actividades interessantes e relevantes para a promoção das aprendizagens necessárias no domínio da escrita.”* (A. MATA, 2004: 86). O mesmo é válido para outros recursos e para outros métodos de trabalho usados no ensino.

Não podemos esquecer, no entanto, que um professor para ser criativo no uso de materiais e saber motivar, também precisa de estar motivado. Para Sternberg e Wendy (2003), o pensamento criativo deve começar logo no professor. Este deve ensinar e ensinar a pensar de forma criativa pois assim torna-se um modelo para os seus alunos. Apresento mais alguns tópicos deixados por Sternberg e Wendy, que se podem ter em conta para ensinar a estimular a criatividade:

- Dar tempo aos alunos para pensarem criativamente
- Valorizar produtos e ideias criativas
- Instigar os alunos a arriscarem
- Permitir que os alunos errem e transformar esse erro em experiência
- Fomentar o respeito por pontos de vista diferentes
- Ensinar a turma a encontrar a sua motivação

Em suma, um docente dedicado à sua profissão, quando se depara com um aluno desmotivado, não olha apenas para o que o rodeia (pais, sociedade, questões da adolescência, etc.) mas procura despertar o seu interesse, o anseio de voltar a aprender e a motivação é um desses caminhos. Citando um autor desconhecido, Haigh diz-nos que *Quando as crianças convivem com o incentivo, aprendem a confiança.* (HAIGH, 2010:

195). Muitas vezes, esta prática passa, simplesmente, por ajudar o aluno a encontrar o seu ponto forte, seja a leitura, seja a escrita, seja a capacidade para falar em público ou até a cooperação nos trabalhos de grupo. O elogio destas capacidades em frente à turma, em frente aos pais, ou até individualmente, provocam no aluno um interesse para melhorar ainda mais essa competência. Mas acima de tudo, os elogios devem ser sinceros, caso contrário, teriam exactamente efeito inverso ao desejado, incorrendo no risco de perder-se a confiança no professor.

A valorização da diversidade de saberes é meio caminho percorrido para o sucesso.

#### ***IV. 3. As dificuldades (o insucesso)***

Creio que não podia terminar este capítulo sem fazer uma pequena referência à relação que as metodologias e as atitudes têm com as dificuldades que por vezes se criam na aprendizagem.

Actualmente, o insucesso ainda é algo muito presente, sobretudo nas regiões mais desfavorecidas (Bahia & Nogueira, 2005), o que resulta na colocação de Portugal em níveis inferiores aos da restante Europa. Os factores explicativos diversificam-se de autor para autor.

O docente pode e deve tentar perceber a origem da indisciplina e a razão da sua subsistência. Segundo alguns autores, como por exemplo Freinet (citado por Estrela, 1992), é preciso passar de uma pedagogia da “fala” para uma pedagogia do trabalho, pois os jovens só são indisciplinados quando o trabalho não lhes faz sentido. Portanto, a disciplina só pode ser mantida através da cooperação entre alunos e professor.

O docente deve ser o responsável por criar um ambiente onde predominam estratégias eficazes que levem o aluno a ver com certa clareza determinadas situações que o façam definir melhor ou destacar os seus valores. Quando há indefinição destes valores, gera-se um ambiente de indisciplina e, para garantir que isso não suceda, é fundamental haver uma educação que conduza a uma clarificação dos valores.

Estrela (1992: 84), baseando-se nos trabalhos de Dawoud, realizados em 1987, mostra as opiniões divergentes de professores e alunos: *enquanto os professores tendem a atribuir as razões de indisciplina a características psicológicas do aluno ou ao meio familiar, os alunos atribuem grande parte da responsabilidade ao professor*. Independentemente da atribuição da culpa a uma parte ou outra, sobressai acima de tudo a concepção de que se deve procurar as causas do fenómeno de indisciplina para que se encontre uma forma eficaz de intervir.

O problema central da indisciplina poderá ser consideravelmente reduzido se os professores se tornarem organizadores mais eficazes da aula. A organização de um docente dentro da sala é um aspecto fundamental para o bom comportamento dos alunos e, naturalmente, para um bom funcionamento da aula. Os comportamentos inadequados não podem interferir na tarefa do ensino-aprendizagem, pondo não só em causa a função do professor, como também privando os restantes alunos de um bom ambiente propício à aprendizagem. Não se deve abrir excepções às regras, estas devem ser delineadas no início do ano lectivo e deverão ser levadas até ao fim, pois é uma forma de prevenir o desrespeito e a indisciplina. Aliás, diria não só “delineadas” mas igualmente “negociadas”.

Embora na aula deva haver espaço para a intervenção do aluno, hoje o professor ainda é o “marinheiro que comanda o barco”, e é ele que detém mais tempo de discurso, de comunicação na aula. Portanto, o trabalho do professor e do aluno deve ser bidireccional, havendo cooperação de ambas as partes para que tudo funcione.

Para finalizar poderia explorar o papel que o aluno também tem nesta matéria, no entanto, e pelas razões que se conhecem (e também como a questão central é as metodologias) deixo apenas uma abordagem.

A respeito de atitudes e metodologias muito mais poderia ser dito. Porém, durante as aulas leccionadas no decorrer do estágio, não há tempo suficiente para explorar e experimentar todos os caminhos que podem ser percorridos. Deixo assim, neste relatório, uma síntese do que pude trabalhar, consciente de que há uma imensidade de diferentes direcções para aplicar.

## Capítulo V: Reflexão final sobre o papel das metodologias no Ensino

Tendo em conta o sentido etimológico de método – *methodus* ou *methodos* = meta (que se segue, que vem depois, para além de) + *hodos* = via, caminho (é o caminho para se atingir um fim, porque é o meio para passar além de), podemos considerar que as metodologias são muito abrangentes e têm um papel determinante na construção do aluno. A questão que se coloca não passa só por *executar*, mas também por *criar* para alcançar um objectivo.

Numa Conferência sobre o *Ensino da Literatura na Contemporaneidade*, a que tive a oportunidade de assistir na FCSH, a professora Tereza Amodeo<sup>16</sup> defendeu que o professor deve buscar o *acontecimento pedagógico*, ou seja, deve conseguir transmitir ao aluno exactamente aquilo que pretende. Amodeo reforçou, ainda, que qualquer bom professor que ensine literatura na sua aula preocupa-se em formar leitores críticos, fluentes e autónomos para a vida: **leitores para além da sala de aula**. É sobre o professor de Português que recai o dever de incrementar nos alunos um uso correcto da língua portuguesa, sob o peso que toda essa formação ou carência de formação pode vir a ter na sua vida futura, do ponto de vista social e cultural. No que diz respeito à oralidade e à escrita, ao longo do tempo, infelizmente, temos vindo a assistir a uma deterioração no que se refere à língua materna. As produções orais e escritas deveriam ocupar mais tempo na aula de Português. Ora, a reflexão de questões como estas não devem surgir apenas na sala de aula mas sim antecipadamente, na planificação. Como o próprio termo indica, “planificar” significa “desenvolver um plano”, e é neste último que o professor reflecte sobre as metodologias adequadas a usar na sala de aula. Portanto, a formação dos professores, tanto a nível literário como linguístico, deve ter todos estes factores em conta, visando um melhoramento dos métodos aplicados nas aulas, dispondo-se a proporcionar aos alunos o seu direito à educação.

---

<sup>16</sup> Doutora Maria Tereza Amodeo (Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul), “O Ensino da Literatura na Contemporaneidade”. Conferência realizada na FCSH (UNL) no dia 21 de Julho 2011.

Independentemente do programa específico de cada disciplina, cada professor tem os seus próprios métodos de ensino. Não pretendo afirmar que só os que referi aqui resultam mas sim mostrar que, variando de turma para turma e de aluno para aluno, há que ponderar o mais adequado. Já em meados dos anos 90, Carvalho realçou que *Ser professor de Português é hoje, quase ao virar do século, um desafio estimulante, mas, simultaneamente, perturbador*. (CARVALHO et al., 1995).

O principal objectivo é que os alunos sintam satisfação com a educação e lhe dêem o devido valor para que *se tornem aprendizes independentes para toda a vida* (Haigh, 2010: 194).

Em suma, a capacidade de resposta a este tipo de questões, exige do professor uma constante actualização da sua formação, uma boa capacidade criativa e uma constante reflexão.

Termino com uma frase de Margarida B. Neves que me chamou a atenção:

*A parte mais importante da formação de um professor, como a de qualquer outra pessoa, aliás, depende fundamentalmente de uma busca pessoal e incessante que nem a formação inicial nem a formação ao longo da vida podem por si só garantir, porque ela é sempre anterior ao sistema de forma de ensino*. (NEVES, 2004:103).

## Considerações Finais

Reflectindo agora sobre a Prática de Ensino Supervisionada considero que foi um ano lectivo que teve tanto de trabalhoso quanto de enriquecedor. A integração foi fácil, muito em parte devido às orientações dadas pelos meus professores orientadores, sem esquecer as colegas de estágio, que muito contribuíram para que o desenvolvimento do processo se desse de forma tão natural. Todo o acompanhamento e partilha de experiências, assim como a observação das aulas dos meus orientadores, as reuniões e as actividades, foram muito proveitosas, pois fizeram-me evoluir a nível profissional e pessoal e, com certeza, ficaram para sempre.

O facto de acompanhar turmas de 10.º ano, 12.º ano e uma turma da Faculdade, foi igualmente uma vantagem, uma vez que pude aliar toda uma teoria até aí adquirida à prática, pois há “lições” que só esta última pode dar. As duas diferentes instituições que me acolheram proporcionaram-me também somar duas vivências bem distintas.

Durante o último ano lectivo tive tempo para reflectir sobre a docência, não só ao longo da componente prática da P.E.S. mas igualmente durante a redacção deste relatório. Concluí, embora já o presumisse, que as ferramentas de ensino são importantes mas não garantem por si só sem um sólido conhecimento dos programas, e sem uma primeira reflexão na planificação.

Relativamente à temática deste trabalho, apraz-me dizer que cada aluno é um aluno, com diferentes valores, capacidades e dificuldades, e portanto, não pode haver uma receita única.

Finalizo esta etapa com optimismo, satisfeita com os conhecimentos que adquiri e pelo que pude dar de mim enquanto pessoa.

“Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” Paulo Freire



## Bibliografia

AZEVEDO, Fernando José Fraga (2010). *Metodologia da Língua Portuguesa*. Plural Editores.

BIREAUD, Annie (1995). *Os Métodos Pedagógicos no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.

CARNEIRO, Roberto (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 Ensaio Para o Século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

CARVALHO, Adalberto Dias (organizador) et al. (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.

CARVALHO, Ana Amélia (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*. Ministério da Educação; Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

COELHO, Maria da Conceição (coordenadora) et al. (2002). *Programa de Português do Ensino Secundário*. Ministério da Educação.

COSTA, João & MADEIRA, Ana (2009). *Metodologias e Recursos para o Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro*. In O Mundo dos Leitorados. Políticas e práticas de internacionalização da língua portuguesa., ed. L. Baptista, J. Costa & P. Pereira, 139 - 154. . Lisboa: Colibri.

CURY, Augusto Jorge (2003). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Rio de Janeiro. Sextante.

Disponível para consulta em:

<http://www.poderosodeus.com/livros/gallery/Augusto%20Cury/Pais%20brilhantes,%20professores%20fascinantes%20-%20Augusto%20Cury.pdf>

DUARTE, Inês & MORÃO, Paula (2004). *Ensino do Português para o Século XXI*. FLUL. Lisboa: Edições Colibri.

DUARTE, Isabel et al, (2001). *Gavetas de Leitura – Estratégias e Materiais Para Uma Pedagogia da Leitura*. Colecção Práticas Pedagógicas. Edições ASA.

ESTANQUEIRO, António (2010). *Boas Práticas na Educação: o Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.

ESTRELA, Maria Teresa (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. 3ªed., Porto: Porto Editora.

HAIGH, Alan (2010). *A Arte de Ensinar: Grandes Ideias, Regras Simples*. Academia do Livro.

(ILTEC) Diversidade Linguística na Escola Portuguesa  
[http://www.iltec.pt/divling/cd\\_2006.html](http://www.iltec.pt/divling/cd_2006.html)

LEIRIA, Isabel et al, (2008). *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) Ensino Secundário*. Ministério da Educação e DGIDC.

MARTINS, Isaltina et al., (2001). *Programa de Latim A, 10.º ou 11.º anos*. Ministério da Educação.

PUREN, Christian, (1988). *Histoire des Méthodologies de l'enseignement des langues*, Paris: Nathan.

SAMPAIO, Daniel (2001). *Cadernos de Criatividade - Indisciplina e Violência na Escola*, número 3:7-15.

STERNBERG, Robert, & Wendy Williams (2003). *Como Desenvolver a Criatividade do Aluno*. Porto: ASA.

WALBERG, Herbert & PAIK, Susan (2000). *Práticas Educativas Eficazes*. Academia Internacional de Educação, UNESCO

### **Artigos**

BAHIA, Sara, & NOGUEIRA, Sara (2005). *Quente ou frio? O clima de criatividade nos Programas de Enriquecimento*. [Online], disponível a partir de <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte04/Seccion1/Percep%C3%A7oes.htm>.

BAHIA, S., & TRINDADE, J. P. (2010). *O potencial das tecnologias educativas na promoção da inclusão: três exemplos*. *Educação, Formação & Tecnologias*, 3 (1), 96-110. [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.

RODRIGUES, Manuel dos Santos (1995). *A Motivação no Processo de Ensino/Aprendizagem do Latim*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SAVATER, Fernando (2008). *El Valor de Educar*. Revista Literária Katharsis. Ariel. Disponível em <http://www.revistakatharsis.org/>

## **Anexos**